

NIOMAR.

legado de resiliência e coragem no jornalismo

A luta de
uma mulher
em prol da
liberdade de
expressão

Reprodução



Niomar apresenta o parque gráfico do jornal a convidados

Por Ana Carolina

A história da empresária e jornalista Niomar Moniz Sodré Bittencourt não cabe apenas nas páginas de um livro. Ela se projeta enquanto manifestação de coragem e contínuo enfrentamento em defesa da liberdade editorial do jornalismo brasileiro. No livro "A mulher que enfrentou o Brasil", que será lançado oficialmente em Campinas em junho, como parte das celebrações de 125 anos do jornal Correio da Manhã, conta sobre essa trajetória, que ganha contornos vívidos a partir da narrativa de uma mulher à frente de seu tempo, retratando uma imprensa que ousou resistir quando o país parecia inclinado ao silêncio.

Entretanto, para entender a personalidade e inteireza de Niomar, é preciso voltar ao ponto de partida: a família. Um território onde se formam as primeiras convicções e também os primeiros conflitos.

Herdeira de tradição intelectual

Niomar nasceu em 1916, no seio de uma família profundamente ligada à vida intelectual e política brasileira. Filha de Moniz Sodré, jurista respeitado, professor e pensador influente, associado a uma tradição liberal que valorizava o debate público e a formação humanista. Portanto, cresceu em um ambiente em que ideias circulavam com naturalidade.

Wtal contexto lhe deu repertório e moldou a sua disposição para o confronto.

Casamento, imprensa e destino

O enlace com Paulo Bittencourt foi o ponto de inflexão que uniu, definitivamente, a sua trajetória ao jornalismo. Proprietário do Correio da Manhã, no Rio de Janeiro, Paulo era herdeiro de uma tradição iniciada por seu pai, Edmundo Bittencourt, fundador do jornal impresso.

Assim, além de esposa, Niomar passou a fazer parte e vivenciar todo aquele universo. Acompanhava decisões, entendia os bastidores e absorvia o funcionamento de um dos mais influentes veículos do país.

Com a morte do marido, em 1963, assumiu a direção do jornal, não enquanto apenas um processo de cessão administrativa, mas também como ruptura simbólica. Afinal, em uma sociedade eminentemente patriarcal, ou seja, dominada pelo sexo masculino, uma mulher, Niomar, ocupava o centro do poder editorial. Tinha, agora, não apenas um legado a preservar, como também um posicionamento a afirmar, abrindo frente para outras mulheres neste segmento.

O golpe e a Ditadura

O golpe de 1964 instaurou no Brasil um regime que, rapidamente, passou a vigiar, censurar e intimidar a imprensa. Foram muitos os veículos que optaram pelo silêncio ou pela acomodação para garantir a sua existência. Mas não foi o caso do Correio da Manhã, sob a liderança de uma mulher que, honrando a memória de seu marido, decidiu encarar a fez exatamente o oposto.

O jornal tornou-se um dos mais duros críticos do regime militar, publicando editoriais históricos, denunciando as arbitrarie-